

## DISPOSITIVOS DO CINEMA NA GEOGRAFIA ESCOLAR: PAISAGEM É APENAS O QUE É BELO?

**Isabelle Inácio da Silva**<sup>1</sup>

**UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
isabelleinacio18@gmail.com

**Marcela Santa Rosa Santos**<sup>2</sup>

**UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
marcela.s.rosasantos@gmail.com

**Penha Caroline da Costa Lopes**<sup>3</sup>

**UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
penhacaroline15@gmail.com

**Débora Schardosin Ferreira**<sup>4</sup>

**UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
debora.sdf@gmail.com

### **Resumo**

*Na UERJ o projeto "Dispositivos do Cinema na Geografia Escolar", tem como objetivo contribuir para a formação inicial de professores ao desenvolver reflexões teóricas e ações voltadas à análise e utilização de dispositivos de cinema como criadores de geografias. Possui parceria com o Colégio Estadual Amazonas (SEEDUC - RJ), que neste ano teve implantado o Novo Ensino Médio - NEM. Através do atual cotidiano do projeto, o presente trabalho apresenta a atividade em que foi utilizado o conceito geográfico de Paisagem para compreender as transformações no entorno e dentro do espaço escolar, e como isto gera estereótipos de certos lugares a partir da compreensão da imagem como re(a)apresentação. Neste trabalho será apresentada uma das atividades realizadas, em que são produzidas imagens, a fim de entender a idealização do que é paisagem, a partir de ações e impressões dos próprios alunos. Justifica-se porque as imagens "fabricam" visões de mundo, através também das paisagens exibidas no cinema. Para isto, foi realizado um detalhado planejamento de aula pelos licenciandos que envolveu a utilização de imagens como possibilidade de dispositivos que se relacionam com o cinema. Para o desenvolvimento deste*

<sup>1</sup> Graduanda Licenciatura em Geografia. UERJ - Campus Maracanã

<sup>2</sup> Graduanda Licenciatura em Geografia. UERJ/CEDERJ - Polo: Campo Grande

<sup>3</sup> Graduanda em Pedagogia. UERJ - Campus Maracanã

<sup>4</sup> Mestre e Doutora em Geografia. Professora Adjunta na Faculdade de Educação. UERJ - Campus Maracanã. Coordenadora do Projeto.



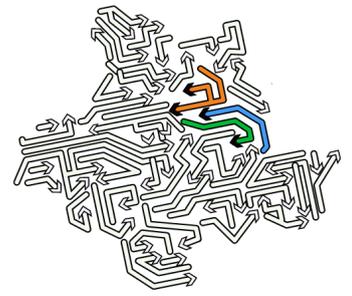
*trabalho, as ideias de Santos (1988) e Oliveira Jr. (2009), auxiliaram no planejamento da atividade e reflexões posteriores. A atividade envolveu a análise do espaço geográfico junto à vivência dos alunos com o ensino, pois se baseou naquele contexto geográfico, e eles foram convidados a se expressar e a produzir materiais como imagens, o que propiciou reflexões e questionamentos sobre sua própria realidade. Consideramos que as redes sociais fazem parte da vida dos alunos e são capazes de influenciar a forma como veem o mundo, a partir delas é possível gerar problematizações com o auxílio de conceitos da Geografia. Assim, na educação básica esta postura é um facilitador do aprendizado que é essencial na descoberta de outras geografias para o currículo a partir da Geografia Escolar.*

**Palavras-chave:** Escola, Imagem, Paisagem.

### **Introdução**

O trabalho pretende exibir uma atividade prática denominada de "Paisagem: é apenas o que é belo?" que pretende discutir as diferentes formas de paisagem e como elas podem ser entendidas através das imagens capturadas a partir das percepções e das vivências de cada indivíduo, relacionando essas vivências com as redes sociais e como a captação das imagens são um recorte da paisagem e conseguem moldar nossa forma de enxergar o mundo. Esta atividade desenvolveu-se como parte do projeto "Dispositivos do cinema na Geografia Escolar". O projeto ajuda no ensino da graduação, fomentando o cotidiano dos discentes dentro da escola ao compreender a instituição como um lugar geográfico e para isso são utilizadas a noção de dispositivos de cinema "(MIGLIORIN, 2015) como uma pedagogia (Fórum Nicarágua, 2021; Ramos; Barquete; Pipano, 2021);" . Busca desenvolver o ensino de Geografia para além das didáticas de sala de aula para futuros professores deste projeto, por isso, traz para o corpo de discentes de Pedagogia e Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), auxiliando no campo do estudo e o olhar mais próximo aos alunos para estimular interpretação de mundo e no ambiente escolar.

Este projeto, assim, desenvolve-se em parceria com o Colégio Estadual Amazonas, nível Ensino Médio, e está localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O Colégio desde agosto de 2022, nos recebe com visitas semanais contando com a presença da coordenadora e bolsistas. As visitas da turma à escola têm o potencial de colaborar com ações de ensino, assim como, a participação dos professores da escola e as demais atividades previstas para a comunidade escolar, assim, contribuindo em ações culturais.



Os dispositivos de cinema auxiliam na compreensão dos conceitos da Geografia, pois sua prática permite uma pedagogia mais dinâmica, contendo a participação mais ativa dos alunos ao contrário de uma aula apenas com a utilização do material didático e estagnada nos conteúdos de um currículo “pré-estabelecido”. O plano de aula pensado semanalmente para as atividades, procura entender o espaço escolar em uma contínua pesquisa em que há a criação de materiais didáticos a partir destes experimentos com dispositivos de cinema na escola. O processo ocorre empregando, inclusive, as constantes transformações dentro desse espaço, de maneira que os alunos tragam reflexões que se perpetuem para além do que seria uma disciplina de Geografia, ponderando conhecimentos de suas próprias vivências e da extensão dentro e ao redor da escola.

Neste trabalho será apresentada uma das atividades realizadas, em que são produzidas as imagens como principal foco, a fim de entender a idealização do que é paisagem como imagem e como são construídos modelos como representações ao pensar em uma. Sempre trazendo ações e impressões dos alunos, entendendo que cada um carrega consigo e assimilando o contexto escolar e social que estes alunos estão inseridos. Portanto, aperfeiçoar sobre as geografias que vivem levando em conta suas trajetórias anteriores da escola e dentro dela e problematizando seus saberes sobre o espaço.

Sendo assim, o presente trabalho apresenta uma atividade que teve como objetivos, a) problematizar o conceito de paisagem; b) discutir as diferentes formas de paisagem e como elas podem ser entendidas através das imagens capturadas a partir das percepções e das vivências de cada indivíduo; c) Compreender que as imagens são um recorte da paisagem que produzem como a gente vê o mundo.

### **Nossas leituras**

Através de práticas que envolvam o uso de imagens, é possível trabalhar uma “geografia menor”. Para explicar esse termo, Wenceslao Oliveira Jr (2009) utiliza as ideias do livro A menor das Ecologias de Ana Godoy (2008; p.52 apud Oliveira Jr, 2009). Os termos “maior” e “menor” não são antagônicos, e nenhum deles se sobrepõe ao outro. Ela explica que ”trata-se

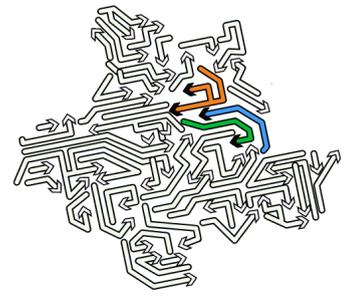
de experimentar outros arranjos, inventando outras maquinações, que possibilitem levar os conceitos e as noções ao máximo de sua potência.” A partir deste conceito, conclui-se que, Geografia maior é o conhecimento institucionalizado, e quase sempre transmitido aos alunos de um modo tradicional. No entanto, as “Geografias menores” são práticas que não são necessariamente relacionadas a geografia, mas tornam possível o desenvolvimento de uma geografia maior, a partir da própria realidade dos alunos.

A imagem é um excelente problematizador sobre os espaços, e através dela é possível a criação de uma Geografia maior. As imagens presentificam um determinado momento, e de forma não verbal têm muito a dizer aos seus espectadores, pois podem suscitar reflexões acerca do espaço geográfico. (Oliveira Jr; 2009)

Ou seja, através das imagens, é possível analisar as mudanças ocorridas no espaço, e descobrir a história de um local e sua população, pois essas informações estão impregnadas na paisagem. No entanto, como argumenta Oliveira Jr (2009), é necessário considerar que nem sempre um espaço será visto e lembrado por sua totalidade, mas sim pela forma como é representado e veiculado às pessoas, pois as imagens cotidianas apresentam o mundo de uma única forma, perpetuando uma maneira de imaginar o espaço. O autor também comenta que

[...] conhecer o espaço é pensar sobre como ele é inventado diariamente diante de nós pelas câmeras fotográficas e pelas narrativas da tevê, e sobre como ele é criado em nossas próprias práticas educativas, onde aparecem muitos mapas, fotografias, filmes, pinturas e outras tantas imagens. (p.23)

A partir do imaginário sobre as paisagens do Brasil, é muito comum que se associe, por exemplo, uma paisagem intensamente urbanizada à região sudeste ou sul do Brasil, aridez, ao nordeste, frio e neve a países ricos, etc. Esses estereótipos criam oportunidades de discussão com os alunos, de modo a questionar essas generalizações construídas acerca de certas paisagens. Essas generalizações são responsáveis por moldar a concepção dos alunos sobre o lugar em que vivem. É comum ouvir de brasileiros comentários depreciativos sobre o seu próprio país, enquanto enaltece lugares que só tiveram contato através de imagens. Esse comportamento negativo é endossado pelos filmes, programas de televisão e atualmente pelas redes sociais, pois esses veículos são capazes de estabelecer estereótipos.



Milton Santos no livro “Metamorfoses do espaço habitado” fala sobre uma Geografia da Percepção, em que a paisagem é o que é apreendido pelo sujeito através dos sentidos, não apenas pela visão, visto que ela “não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc” (SANTOS, 1988, p. 61). Por isso, a partir de suas próprias experiências sensoriais, cada indivíduo terá sua própria concepção do que é belo e aconchegante, ou, feio e repulsivo.

Sendo assim, produzir imagens é muito vantajoso na construção do conhecimento geográfico, pois a partir delas, o educador pode descobrir o modo como os alunos enxergam o mundo e identificar o que está por trás dessas concepções, se foram produzidas por suas próprias experimentações, ou se são reflexo do que geralmente lhes é transmitido, principalmente pelas redes sociais. Saber a opinião deles vai possibilitar ajudá-los a desenvolver um conceito equilibrado sobre os lugares e sua cultura.

Nesta oficina, a produção de imagens foi realizada pelos próprios alunos. Migliorin e Pipano (2019) utilizaram o termo "camerar" para descrever esse processo, onde o aprendizado é realizado de forma livre, "sem dever nada à gramática cinematográfica, que condenaria a oscilante câmera na mão como consequência da inabilidade de seu / sua operador/a."(p. 150)

### **Nosso planejamento**

O projeto com uma postura metodológica cartográfica tem a intenção de percorrer caminhos mais abertos e que não ocorra de uma forma fechada previamente, com procedimentos lineares e rígidos a serem seguidos de forma padronizada. Com isto, a metodologia tanto o planejamento da oficina elaborada pelos bolsistas se mantém aberta para que seus próprios caminhos possam ser livres durante o processo de idealização, além de permitir a criatividade dos alunos. Assim, é importante ressaltar as colocações de Meyer e Paraíso (2012), quando dizem que metodologia nesta perspectiva é algo mais livre e que esta postura cartográfica é “um modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações”(p.16).

Essa postura metodológica se afasta daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não ajudam a construir possibilidades de pensamentos potentes para interrogar e



descrever-analisar. Deste modo, através da recriação de dispositivos de cinema, procuramos mobilizar conceitos da Geografia, como os de Paisagem e Espaço, e como isso se dá na produção de uma imagem e seus estereótipos.

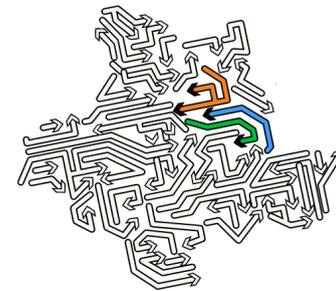
Todavia, como maioria discentes de licenciatura neste projeto, consideramos a necessidade de planejamento prévio como forma de organizar o fazer docente e por quais caminhos queremos mediar a oficina. Dessa maneira, o planejamento coletivo é uma estratégia de trabalho, que se caracteriza pela integração de todos os setores num processo de solução de problemas comuns e realização das ações pensadas coletivamente. (LUFT & SCHMITT, 2017)

A atividade realizada no Colégio Estadual Amazonas, no dia 26/04/2023 para a turma do 2º ano do Ensino Médio foi planejada e dividida em momentos com aproximadamente 10 e 15 minutos de execução, pois o tempo de aula é de 50 minutos. Sendo assim, cada momento correspondeu a seguinte etapas abaixo:

- **Primeiro momento:** Discussão e anotações sobre aspectos que os alunos acreditam que são e têm na paisagem;
- **Segundo momento:** Pedir a eles uma foto de alguma Paisagem que tenha na galeria dos seus smartphones. Questionar a eles, “por que acham que aquela foto é uma paisagem?”. Com isso, explicar sobre estereótipos que são produzidos com as paisagens das imagens, utilizando auxílio de slides com fotos de diferentes cidades e relacionando com cenas de filmes;
- **Terceiro momento:** Divisão dos alunos em grupos, para que fosse tirado uma foto de algum espaço da escola que não fosse um estereótipo;
- **Quarto momento:** Retornar à sala e debater por que aquele espaço lhe chamou atenção e pensar sobre isso no âmbito das suas redes sociais. E também, a proposta de uma atividade de fixação.

### **Nossas experimentações: O projeto e a escola**

Nosso projeto atua semanalmente no Colégio Estadual Amazonas, que está situado no bairro de Cosmos, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. É nosso segundo semestre de



trabalho na escola, sendo que no semestre passado só atuamos de forma experimental já que a mesma ainda estava se organizando por conta do retorno após a pandemia da COVID-19 e

também estava tentando entender como seria a implementação do Novo Ensino Médio. Pensando no projeto, nosso trabalho de forma experimental em 2022 foi importante para criarmos laços com a escola, mas em contrapartida, com a implantação do Novo Ensino Médio - NEM em 2023, não conseguimos dar continuidade com os mesmos alunos que trabalhamos ano passado. Conforme pudemos observar em nossas atividades, a escola não teve muitas “escolhas” para sobre os itinerários que seriam implantados, pois isso foi de acordo com a formação do grupo de professores que havia disponível e, ainda, os estudantes também não puderam escolher dentre as poucas opções, porque o espaço físico da escola não se adequaria à proposta. Assim, o professor que colabora com o projeto possui licenciatura em Ciências Sociais, mas anteriormente lecionava Filosofia e, agora com a NEM, o que lhe restou foi o itinerário “Políticas Públicas”. Percebe-se que, atualmente, tanto a turma de 2º ano em que trabalhamos, como seus professores têm dificuldades para se adaptar a este NEM e algumas vezes entram em conflitos com nossos planejamentos. Inclusive tem sido uma dificuldade o projeto atuar em dois tempos disponibilizados dentro deste itinerário, pois como o tempo é curto sempre temos que cronometrar certinho nossas dinâmicas.

Em nossas visitas ao colégio, foi possível analisar o contexto espacial que a mesma se encontra, mas também a sua estrutura física. Por conta da instituição ter sido desligada e reativada em outro endereço, há menos de uma década, sua estrutura não parece preparada para receber a quantidade de alunos que abriga. Ou seja, antes mesmo do NEM em nível federal, as próprias administrações estaduais já possuem uma longa trajetória de precarização deste nível de ensino como, por exemplo, o fechamento de turmas e escolas.

Observamos que o colégio possui poucos espaços abertos de convivência, as salas são pouco espaçosas e há uma dificuldade em articular algumas atividades dentro deste ambiente, como por exemplo a sala que utilizamos que não apresenta quadro e por vezes temos que levar cartolina ou folhas A4 e improvisar como quadro para anotar as ideias discutidas com os



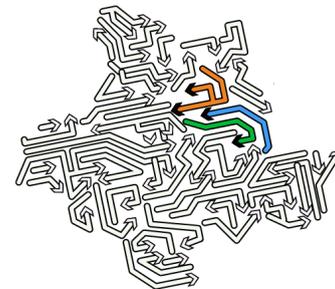
alunos. O contraditório é que esta foi uma sala em que a administração estadual ordenou o desmonte da antiga sala de informática para implantação de uma “Sala *Maker*”<sup>5</sup>. Além disso, a dificuldade com a tecnologia é muito evidente, pois os alunos não têm acesso a rede wifi da escola o que torna o processo de compartilhamento de atividades com eles complicado, que só foi solucionado por meio da criação de um grupo de *Whatsapp* e do roteamento de internet dos integrantes do projeto.

Analisando as atividades propostas aos estudantes observa-se que eles têm interesse no projeto, mas cabe ressaltar que algumas vezes é percebido o desinteresse ou falta de motivação, o que a cada encontro nos faz repensar estes desafios como pistas para nosso processo de pesquisa em uma postura cartográfica. É notável que a atenção deles aumenta quando eles possuem atividades menos expositivas ou em dinâmicas em que ficam mais descontraindo, com seus corpos não presos a uma única atenção: o docente.

Na atividade, “Paisagem: é apenas o que é belo?”, foi possível perceber que os alunos têm grande noção de reconhecer cidades diferentes, pois nós levamos para eles uma apresentação com diferentes fotos de cidades espalhadas pelo mundo. Isso porque o nosso objetivo com estas imagens era compreender que as imagens são um recorte da paisagem que produzem como a gente vê o mundo e por muitas vezes por meio das redes sociais criamos estereótipos sobre alguns espaços. Os alunos encararam como um jogo de adivinhação e foi muito divertido a participação deles na tentativa de descobrir. Esta parte da atividade mostrou que as redes sociais são uma importante fonte para o reconhecimento de diferentes lugares do mundo, pois muitos relataram que conheciam certas cidades por conta de vídeos do *Tik Tok*. Porém, trouxe à tona os estereótipos que temos de certos locais, principalmente quando colocamos lado a lado as cidades da costa oeste dos EUA e uma comunidade da Colômbia e outra do Brasil. E que no primeiro caso eles achavam que não era cidades no mesmo país e no segundo caso eles achavam que só se tratava de Brasil, como se comunidades, popularmente conhecida como favela fosse um fato apenas brasileiro. Propusemos isso porque as imagens

---

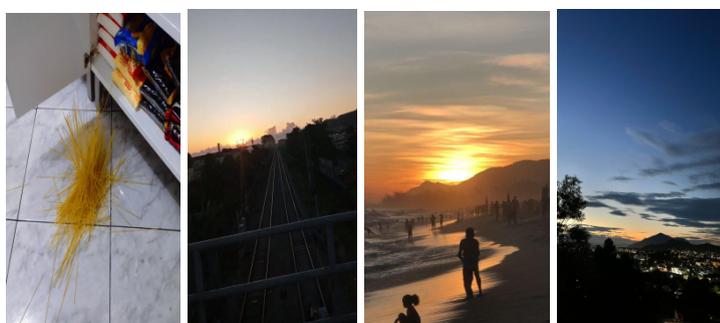
<sup>5</sup> “É um programa da Secretaria de Estado de Educação que será feito em todas as escolas da rede. Trata-se de um ambiente de aprendizado que vai permitir aos estudantes a possibilidade de criar, experimentar e compartilhar soluções. Não será necessário conhecimento prévio, o que oportuniza a construção e troca de múltiplas experiências na busca da solução de problemas, sejam eles relacionados ao contexto escolar ou vivenciados na comunidade onde estão inseridos” (texto SEEDUC - RJ) Disponível em: [https://www.facebook.com/story.php?story\\_fbid=3038672819746003&id=1630562883890344&\\_rd=1](https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=3038672819746003&id=1630562883890344&_rd=1)



tem o poder de re(a)apresentação de algo e de construir o mundo. Logo, esse exercício é importante, pois podemos mostrar para os alunos que certas características que são criadas não são fenômenos de apenas um determinado local, como é o caso das favelas.

Neste sentido, com essa proposta problematizar a representação que construímos através das imagens, nós provocamos os discentes para mostrar o que pensam sobre Paisagem e que tipo de fotos eles tinham sobre esse conceito. Pode-se perceber que na maioria dos casos eram lugares bonitos e com uma estética para *post* de redes sociais. Além disso, fomos colocados em uma prova quando um aluno relatou pra gente que não gosta de tirar foto, foi um pouco chocante, mas ele não segue a tendência de produzir imagens e apresentou uma visão de produzir imagens com uma estética totalmente diferente dos demais. As fotos apresentadas pelos alunos foram extremamente interessantes (FIGURA 1), como a do aluno que quebra os padrões e outras seguindo os padrões de lugares que frequentam ou frequentaram, como a Estação de Trem, Praia do Recreio e vista de Cosmo (esquerda para direita).

Figura 1 - Fotos produzidas pelos alunos.



*Fonte: Estudantes do Colégio Amazonas*

Após esse debate sobre padrões, fomos para nossa atividade prática em que foi proposto produzir imagens como a Paisagem sem qualquer tipo de estética e sem ser o que é belo. Deste modo, foram divididos os grupos de alunos para que eles tirassem fotos de

diferentes espaços da escola de acordo com o que chamava a atenção deles e/ou despertasse algum tipo de sentimento. Os registros abaixo são os que mais chamaram nossa atenção quando recebemos.

Figura 2 - Fotos produzidas pelos alunos.

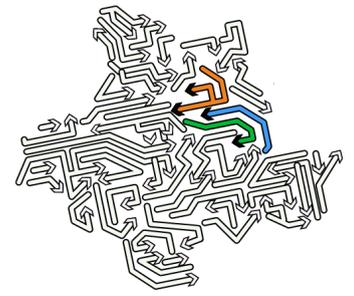


*Fonte:* Estudantes do Colégio Amazonas

Após a atividade prática com retorno dos discentes a sala maker começamos receber as imagens feitas pelos alunos. A maioria dos alunos ficaram com vergonha e não se mostraram muito participativos, mas ouvimos algumas reflexões do tipo: “gosto desse espaço, pois é onde almoço com meus amigos”, “acho a biblioteca um ambiente acolhedor”, “esta área verde é muito bonita”, “queria mostrar o que tem em cima dessa sacada”, e ainda, uma declaração muito curiosa: “me incomoda ter um forno velho no corredor e me questiono dele tá ali, já que o lugar dele é a cozinha”.

Assim, para encerrar nossa oficina tínhamos levado para eles exercícios de fixação, pois supomos que algumas didáticas tradicionais da sala de aula são necessárias visto que eles nos compreendem como “não professoras” por não sermos da escola. Concluímos neste processo do projeto que algumas semelhanças com uma “aula tradicional” podem trazer mais interesse deles pelas oficinas. Entretanto, também estamos aprendendo os “tempos da escola” o que fez com que esta atividade de fixação escrita, por conta do horário de saída, fosse completada parcialmente.

### **Considerações finais**



Durante a realização da prática citada acima, bem como de outras que não foram incluídas no presente trabalho, foi possível notar a adesão dos alunos, que, segundo o professor responsável por eles durante as visitas semanais do projeto, são muito participativos, pois preferem aulas que fogem do método tradicional expositivo.

Neste contexto, foi perceptível com a atividade que os alunos possuem um padrão de fotografia muito relacionado à estética das redes sociais. Isto fica sempre muito evidente quando é solicitado algum material visual, pois a utilização desse meio faz parte do cotidiano deles. Dessa forma, a nossa atividade buscou relacionar os conceitos geográficos que no ensino tradicional ficam sempre mais de forma expositiva com questões da vivência dos alunos e trazendo para uma perspectiva de reflexão e questionamento, mostrando que as redes sociais e suas possibilidade de produzir imagens dos espaços pode ser problematizada com auxílio de conceitos da Geografia e que para este fim a didática não precisa ser somente aulas expositivas e nem, necessariamente, uma aula com uma disciplina com o nome “Geografia”. Tem sido um grande desafio não tornar as atividades uma aula facilmente reconhecível como “Geografia”, no modo como estamos acostumados na escola e, muito menos, nos submetermos ao “itinerário políticas públicas” do NEM.

Portanto, podemos concluir que com a atividade conseguimos trazer uma outra perspectiva para essas categorias de análise da Geografia em que aproximamos a vivência deles com o ensino. As redes sociais fazem parte de como veem o mundo e se a Geografia Escolar quer problematizar isso, precisa primeiro entender como os estudantes estão o re(a)presentando, por exemplo, através da categoria de análise paisagem, objetivo desta oficina.

É importante pontuar que os alunos não encaram o colégio como um ambiente acolhedor, o que, por vezes, prejudica nossas atividades, já que eles pensam naquele espaço como uma obrigação. Sendo assim, tanto nesta como nas outras oficinas que produzimos buscamos que se sintam parte do processo de valorização e reelaboração dos seus saberes. Desta forma, acreditamos que conseguimos alcançar nossos objetivos com a aula, pois junto com o conceito de imagem e como ela pode criar espaços pudemos ligar a Geografia e trazer uma perspectiva crítica sobre as representações produzidas dos espaços.

## **Referências bibliográficas**



FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I.; RESENDE, D.). A Pedagogia do Dispositivo: Pistas para Criação com Imagens. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (org). **Cinema-Educação: políticas e poéticas**. Macaé: Editora NUPEM. 2021.

LUFT, H. M., & SCHMITT, D. L. **EDUCAÇÃO POPULAR: ESCOLA, SALA DE AULA E PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO**. *Revista Contexto & Educação*, 32(101), 2017.p. 29–51. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2017.101.29-51>. Acesso em Jun./2023

PIPANO, Isaac ; MIGLIORIN, CEZAR . Camerar um ponto de ver: a pedagogia das imagens em Boa Água. Rebeca , v. 8, p. 143-157, 2019.

RAMOS, A. B.; BARQUETE, F. L.; PIPANO, I. A pedagogia dos dispositivos: um método para a educação audiovisual (Texto online). **Semente: educação audiovisual**. 2021. Disponível em <https://semente.educacaoaudiovisual.com.br/2021/05/06/a-pedagogia-do-dispositivo-um-metodo-para-a-educacao-audiovisual/>. Acesso em Maio/2023

SANTOS. Milton. **METAMORFOSE DO ESPAÇO HABITADO**, fundamentos Teórico e metodológico. Hucitec. São Paulo, 1988.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos - rumo a geografias menores. **Pro-Posições** (UNICAMP.) , v. 20, p. 7-19, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qJyszWwyZjGLvnnBvHWFJWJM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em Maio/2023.

PARAÍSO, Marlucy Alves; MEYER, Dagmar Estermann. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições,2012. P. 15-22.